

DISTRACÇÃO

Organ Litterario Satyrico e Humoristico

PUBLICAÇÃO SEMANAL

M. J. Pereira

Anno I Domingo 13 de Março de 1892 N. 1.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Por trimestre—1:500 rs.
Por um mez — 500 rs.
Pelo correio — 600 rs.

Pagamento adiantado

Os autographos que nos forem remettidos não se são devolvidos, embora deixem de ser publicados.

COLLABORADORES DIVERSOS

GERENTE

Joaquim Margarida.

AVISO

As pessoas que receberem esta folha e não devolverem até o dia seguinte serão consideradas assignantes.

DISTRACÇÃO

MARÇO 13 DE 1892

Pela primeira vez n'esta cidade, é dado a estampa o nosso jornal. «Litterario, Satyrico e Humorista», cuja publicação é semanal—

Inteiramente albeio ás luctas politicas, promettemos cumprir á risca o nosso programma, guardando entretanto os bons preceitos da moral e da decencia para com a illustre sociedade catarinense, a quem de «chapeaux—bas» cumprimentamos.

N'uma sociedade como a nossa, torna-se necessario analisar o procedimento de «certos typos» que por ahi andam a fazer mil falcatuas com ares de honrados, quando não passam de verdadeiros vampiros, que não cansam em sugar o sangue da mesma sociedade.

Para esses, a nossa pena será incansavel, até que «elles» trilhem o caminho digno.

Para os bons cidadãos a quem a dignidade, e a honradez são uma reliquia sagrada, só teremos palavras de elogio.

Não nos escapará tambem o bello sexo, para quem temos uma secção reservada, escripta pelo nosso REPORTEUR que é um rapaz muito conhecido e adestrado nas conquistas amorosas.

A «Distracção», previne portanto ás amaveis leitoras e aos Srns. «Bilontras» que

ponham-se em guarda, afim de que não se queixem quando lerem em letras redondas os seus nomezinhos acompanhados do humorismo e da satyra do nosso Reporter.

LITTERATURA

A VIUVINHA

POR J. de ALENCAR

A. DE

JANEIRO DE 1857.

I

Se passasse ha dez annos pela praia da Gloria, minha prima, antes que as novas ruas que se abrirão tivessem dado um ar de cidade ás lindas encostas do morro de Santa Theresia, veria de longe sorrir-lhe entre o arvoredo, na quebrada da montanha, uma casinha de quatro janellas com um pequeno jardim na frente.

Ao cahir da tarde havia de descobrir na ultima das janellas o vulto gracioso de uma menina que ahi se conservava immovel até seis horas, em que, retirando-se ligeiramente, vinha pela portinha do jardim encontrar-se com um moço que subia a ladeira, e offerecer-lhe modestamente a frente, onde

elle pousava um beijo de amor tão casto que parecia antes um beijo de pai.

Depois, com as mãos entrelaçadas, não ambos sentar-se a um canto do jardim, onde a sombra era mais espessa, e ali conversavam baixinho um tempo esquecido: ouvia-se apenas o doce murmúrio das vozes, interrompidas por esses momentos de silencio em que a alma emmudece, por não achar no vocabulo humano outra linguagem que melhor a exprima.

O arrulhar d'estes dous corações virgens durava até oito horas da noite, quando uma senhora de certa idade chegava a uma das janellas da casa, já então illuminada, e debruçando-se um pouco dizia com a sua voz doce e affavel:

—Olha o sereno, Carolina!

A estas palavras os dous amantes se erguião, atravessavão o pequeno espaço que os separava da casa, e subião os degrãos da porta, onde erão recebidos pela senhora que os esperava.

(Continúa)

Maximas

Assim como os músculos fortificam o corpo, a virtude fortifica a alma.

Os homens que não sabem dominar as suas paixões, não são capazes de cumprir com seus deveres.

Deve-se renunciar as riquezas e os prazeres que não tenham a approvação da consciencia.

Como a nossa sombra segue o nosso corpo, assim nos perseguirão os males que originemos ao nosso próximo, maior ainda se á este devemos a posição social que disfructamos.

O homem bom deve trabalhar nas obras que teem por objecto o bem de seus semelhantes, porque ellas são as que mais peizam na balança celeste.

O humilde de coração e de espirito é amado pelo Supremo Author do Universo.

O homem que está assegurado se acha á salvo de inquietações e incertezas com relação ao futuro d'aquelles que mais amão neste mundo.

LISTA

CHARADAS

Do distincio charadista A. S.

Com a vogal na terra a mulher correndo é homem. 1-1-2-2

As duas vogaes da musica eu estudei no laço por ser homem. 1-1-1-1.

Este animal com a mulher é mulher. -2-2

Eu avistei este pronome em Portugal. -1-1.

A vogal eu avistei na musica em Hespanha. 1-1-1.

A vogal deixa correndo o homem. 1-2-2.

A vogal na musica tem fortuna porque é homem. 1-1-2.

Na Italia corre o homem. 2-2

A. ERNESTO.

O animal na arvore é passaro. -2-2.

No chapéo procure esta fructa. -2-2.

O adverbio e o fado faz a vazilha. -2-1

O passaro e o amor tem este homem. -2-1.

Esta moça e este homem é homem. -2-2.

C instrumento com a vazilha anda no mar. -1-2.

Todo têm a vogal na primeira—desta moça. -1-1-1.

Toda fructa tem porque o supporta muito este lugar. -2-2.

No mar a flor é muito morósa. -2-2.

No guizado não é boa a primeira do verbo que faz o homem. -1-1-1-1.

A preposição do legado é fineza. -2-1.

K. L.

Horas Vagas

A' mesa do «Hotel Alliança» conversa-se animadamente sobre pintura.

—Ainda não ha muitos dias, diz A. C., tive occasião de ver um bom quadro que me fez chorar durante um bom quarto de hora.

—Ah! então o assumpto era commovente? —pergunta o Z. B.

—Nada disso. Era um quadro enorme, que, desprendendo-se da parede, cahiu-me sobre um callo!

—Se usasses as «Gottas de Satan» não chorarias, porque não terias mais callos. lhe responde Z. B.

Dialogo galante:

—Não me diga que sou bonita. Sou velha, tenho já rugas. Olhe, aqui está uma!

—Uma ruga isso?! Não é tal! É um sorriso que se deixou ficar na pelle.

Depois do casamento, houve um jantar feito a capricho.

Falando delle, no dia se-

—Onde está o noivo perguntou á sua joven desposada:

—De que gostaste mais?

Ella, baixando os olhos:

—Daquelle moço que estava defronte de mim.

—Em que se parece uma modista com um taverneiro?

—Em fornecer «toucas» ao dinheiro.

Um habitante de uma cidade da Allemanha passeava em certo dia pelo campo com um camponez, em tempo de primavera.

Este ultimo muito se alegrou pela verdura que tanto promettia, dizendo:

Venha uma chuva vivificadora, e toda sahirá da terra.

«Que Deus nos livre disto!» exclamou o outro assustado, tendo nella duas mulheres enterradas.

Qual é a causa mais difficil de pregar numa parede?

—Uma péta.

Discutiam-se ha dias, n'uma sala elegante de Lisboa os meritos do sr. F... indigitado para um cargo quaquer na diplomacia.

Fallando do aspirante a diplomata, disse uma dama:

—E' um talento! Sabe estar calado em seis linguas!

Uma menina da Baixa diz, entre amigas:

—Aborreço de morte esta moda dos vestidos curtos!

—Porque?

—Porque, quando ha lã não se podem arregaçar!

Em um hotel:

—Rapaz, este peixe está podre; bom era o que eu aqui comi antes de hontem.

—O que è a scisma!...; pois si este é do mesmo!

No Jardim da praça:

—Carlos!

—Adens!

—Onde vais, homem? Espera!

—Deixa-me, estou damnado.

—O que te aconteceu?

Tua mulher engana mo?

Entre marselezes:

—Eu, disse um delles, apabei ha dias n'um lago um peixe de tal tamanho que foram necessarios dez homens para o transportar.

—Isso não é nada, replica o outro, em comparação com o que eu pesquei no Mediterraneo.

—De que tamanho era elle?

—Isso não posso eu dizer, mas o que eu sei é que quando elle sahio da agua o mar baixou quasi metro e meio!

FICOU SEM ELLA

—Sabe onde é minha casa?

—Sim senhor.

—Então me leve este sacco com farinha.

O tal homem do frete polso sobre os hombros e... viagem:

O cavalheiro que comprou a tal farinha, escolhendo da melhor, ainda hoje estaria em jejum se fosse esperar por ella.

Nem sacco, nem farinha!

Que bom serviço de criadagem!

RETRATO A CARVÃO

E' magro, alto, moreno,
De andar requebrado
Vive la pela pedrei.
Ao lampião agarrado?

Aos domingos no Chalet
Do Jardim passa o dia,
Olhando para o sobrado
Onde está D. Maria!

Não cança, pobre rapaz
Não cança de namorar
Passa mez, entra mez
E na-la adeller casar

SARGENTO MÓR

FALLA-SE

Em certos grupos de thesoras do «Jardim do Oliveira Bello» que não sabem o que dizem.

Que as cousas do Estado vão tortas.

No «boneco» de fogo da rev.

Nos grupos das «crianças» da salinha e...

De certas reuniões em casa de fami...

Em certas pessoas que já perderam o modo de andar.

De certas «scenas» que trocaram, a respeito da po-li-ti-ca.

Em certas medalhas que mandaram vir da Europa, para offerecer aos nossos distinctos «soldados.»

Em certa «espada» que vão offerecer ao nosso general, não das tropas.

Que as festas estão na porta.

Em certas cercas de espinhos
que não estão aparadas.
Não ha fiscal ?

Doutores ! Por piedade !
suspendam a discussão
então a gente não hade
receber a extrema-uncção.

De certos namorados de ca-
ra-dura.

LEGAL

BANDURRADAS

Fura um, fusila outro
E-te governo fatal
Nesta horrivel desgraçeira
Só quem nos vinga é Pardal.
Ha de ser muito bonito
De tudo isto o melhor
Ver correr um marechal.
Da carêta de um major.

Lauris...está na ponta
Câ no sul, lá no cabo.
E no fim, diz o proloquio.
E' que a porca torce o rabo.

CUMULOS

Da força:

Dar um nó no Cabo da
Boa Esperança.

Da artilharia.

Fazer um bombardeio com
uma peça de Fazenda.

Da commodidade

Morar na casa de uma blusa.

Da ferraria

Ferrar as patas de um
ganso.

Da cabelléria

Pentear o cabelo de um
relogio.

Da bebedeira.

Tomar uma carraspana em
cops de Espadas.

Typ. de J. Margarida N. 13

Poesias

CONVERSAS TARDE

A^oo.

E' terva no espaço, silencio n'amplidão,
Os astros encapotam-se nas noites de inverno,
O bosque fez-se um antro no meio do Sahara,
Suppera em negridão as furnas do Averno.

E' treva no espaço ! forrou-se o céu de preto,
Omanto tenebroso encobre o véo da luz,
A nuvem carrancuda obunbra a via-lactea,
Nas bagas do sereno um pranto desce a flux.

Silencio n'amplidão ! mais não resmungua a brisa
Naquelles arrufados gracejos de menina,
Othreno dos canarios não sae mais da folhagem,
As pombas não arruïam, o medo lhes domina.

E' tarde, tudo dorme e enrosca-se de frio;
Mulher, abre teus braços, não vejo outro prazer
Que se fallar de amor nas noites de escuro
E livre conversar assim sem ninguém ver.

Aqui somos nós dois, escuta, conversemos
Pantando a liberdade que o mundo é a Babylonia,
Escuta, és tão formosa, teus olhos são de estrellas,
Teus labios são de flores as flores da begonia.

Es' tu, mulher formosa, que fazes germinar
Num seio de argilla um caule desejos;
Confessa-te, ó Adelaide, Petrarcha fez-se frade,
Tu salvas teus peccados na graça de meus beijos.

Não fallas, coração, occultas o que sentes,
Abafas a razão, suffocas teu amor,
Se amas como eu vivo tu sentes como eu sinto,
Voemos—colibris—beijando a mesma flor.

Vontades, que rebentam talvez exhuberantes,
Estendem neste peito raizes deleterias,
Mas fica-te sem susto, não chamo-me D. João,
Não quero te jogar no leito das Imperias.

Podemos bem a rosa pendente no hastil
Tocar, colher até, sem mesmo desfolhar,
Eten a mão tão fria !...o que fallarmos hoje,
E' tarde, ninguém sabe, eu juro, deix' estar.

A. Ernesto

RABISCOS

O Arthur hontem contou-me alegremente,
A rir como um perdido.

A rir gostosamente.

Do «sarilho» episodio não sabido.

Diz elle que ao cahir, quando houve o «samba»,
Por cima lhe cahio

Moça que andou bem mal no «turumbamba»
Que em calça pardas, a gritar se vio.

O Arthur, guapo rapaz, heroicamente,
Nos tombos amparando,
Não lhe pode o vestido incontinente
Impedir que fosse se rasgando.

Não sabe si em camisa de onze varas

A moça se jenfiou.....

Mas, rindo as escancaras,
Garante o Arthur que em saia «ella» ficou.

Tenorio.